

as admiráveis sátiras ilustradas de Calixto ao governo Hermes. A *Revista da Semana* teria papel pioneiro, ocupando-se, depois de desvincular-se do *Jornal do Brasil*, principalmente com as atualidades sociais, políticas e policiais, tornando-se leve, alegre, elegante, com as ilustrações de Raul, Bambino, Amaro do Amaral e Luís Peixoto; sob a direção de Carlos Mello Dias, a partir de 1915, seria mais elegante e feminina, já com outra feição, portanto, e os textos de Paulo Barreto e ilustrações de Raul, Julião Machado, J. Artur e Correia Dias<sup>(217)</sup>. Superando os efêmeros *O Tagarela*, de 1902, *Figuras e Figurões*, de 1905, *O Degas* e *O Avança*, de 1908, *O Albor* e *O Gato*, de 1911, *A Caricatura*, de 1913, a *Revista da Semana* disputaria com *O Malho*, que começou em 1902, a *Kosmos*, que circulou em 1904, mas principalmente com o *Fon-Fon*, iniciado em 1907, e a *Careta*, que começou a circular em 1908, as preferências do público da época.

A 20 de setembro de 1902, começava a circular *O Malho*, fundado por Luís Bartolomeu, de conteúdo humorístico que, a partir de 1904, torna-se também político, com a colaboração de Olavo Bilac, Guimarães Passos, Pedro Rabelo, Renato de Castro, mas principalmente de Emílio de Menezes e de Bastos Tigre, e contando com o lápis de Raul, Calixto, J. Carlos, Crispim do Amaral, J. Ramos Lobão, Leônidas Freire, Gil (Carlos Lenoir), Alfredo Storni, Alfredo Cândido, Vasco Lima, Seth, Augusto Rocha, Yantok, Loureiro, Luís Peixoto, Nassara, Théo, Enrique Figueiroa, Del Pino, Andres Guevara, isto é, ao longo de toda a sua existência, com os maiores caricaturistas da época. Quando de propriedade do deputado Antônio Azeredo, motivou, com sua crítica, séria crise na Câmara, tendo de demitir-se o presidente desta, Sabino Barroso, em 1910; combateu, nessa mesma fase, a candidatura de Rui Barbosa à presidência da República. Dirigido, a partir de 1918, por Álvaro Moreyra e J. Carlos, o *Malho*, na velha República, foi uma das mais prestigiosas revistas de crítica<sup>(218)</sup>.

Se o primeiro grupo simbolista do Rio reunira-se, entre 1890 e 1892, na *Folha Popular*, de que era secretário Emiliano Perneta, com B. Lopes, Sousa Lopes, Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Artur Miranda, Lima Campos e Gonzaga Duque; o último, integrado principalmente por Lima Campos, Gonzaga Duque, Mário Pederneiras, Álvaro Moreyra e Hermes Fontes, foi responsável pelo aparecimento, em 1907, da revista *Fon-Fon*. Pederneiras, Duque e Lima Campos dirigiram-na, até 1914; Álvaro, daí por

(217) A *Revista da Semana*, tentando adaptar-se a uma nova fase da imprensa brasileira, tornou-se sensacionalista, em 1950, para desaparecer, em 1959.

(218) *O Malho* combateu a *Aliança Liberal*, em 1929 e 1930, e, com a vitória da revolução, foi incendiado. Reapareceu, depois, para, de 1935 a 1945, sob as condições ditatoriais do país, tornar-se apenas noticioso e literário. Desapareceu em 1954.